

Autorização concedida ao Repositório da Universidade de Brasília (RIUnB) pelo editor, em 16 de abril de 2013, com as seguintes condições: disponível sob Licença Creative Commons 3.0, que permite copiar, distribuir e transmitir o trabalho, desde que seja citado o autor e licenciante. Não permite o uso para fins comerciais nem a adaptação desta.

Authorization granted to the Repository of the University of Brasília (RIUnB) by the editor of the journal, April 16th 2013, with the following conditions: available under Creative Commons License 3.0, that allows you to copy, distribute and transmit the work, provided the author and the licensor is cited. Does not allow the use for commercial purposes nor adaptation.

A PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA UFPB: entrevista com a professora Francisca Arruda Ramalho



Foto: divulgação do X ENANCIB

THE POST-GRADUATION AT INFORMATION SCIENCE FROM UFPB: interview with the Professor Francisca Arruda Ramalho

*Luciana Ferreira da Costa**

*Guilherme de Ataíde Dias***

*Emir José Suaiden****

*Francisca Arruda Ramalho*****

*Mestra em Ciência da Informação pela UFPB. Professora do Depto. de Ciência da Informação da UFPB.

**Doutor em Ciências da Comunicação (Ciência da Informação) pela USP. Professor do Depto. de Ciência da Informação da UFPB.

***Doutor em Ciências da Informação pela Universidad Complutense de Madrid com Pós-Doutorado pela Universidad Carlos III de Madrid. Professor do Depto. de Ciência da Informação e Documentação da UNB. Diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

****Doutora em Ciências da Informação pela Universidad Complutense de Madrid. Professora do Depto. de Ciência da Informação da UFPB.

I APRESENTAÇÃO

Em 1987, eu tive o prazer de compartilhar com Francisca Arruda Ramalho do Doutorado em Ciências da Informação na Universidad Complutense de Madrid. Naquela época, havia poucos bibliotecários com o curso de doutorado. O desafio era grande, pois cabia a esses estudantes voltar ao país e colaborar na criação de cursos de pós-graduação nas diversas universidades brasileiras. Durante um tempo ficamos hospedados na Casa do Brasil em Madrid, onde pudemos utilizar da biblioteca ali existente. Depois descobrimos que a bolsa não era suficiente para pagar a Casa do Brasil e tivemos de mudar para outros locais.

A grande vantagem da Casa do Brasil era que podíamos conversar durante os intervalos de aula e trocar idéias não somente para melhorar a qualidade da pesquisa, mas também como

enfrentar o frio e como sobreviver com o alto custo de vida da Espanha.

Naquela época não havia ainda a revolução tecnológica, portanto não existiam telefone celular nem e-mail, e a comunicação por telefone era excessivamente cara. A pesquisa bibliográfica dependia sempre da colaboração entre os estudantes. Nessas conversas sempre descobríamos um novo livro ou um novo artigo de interesse para a pesquisa.

Enquanto isso, Francisca desenvolvia com brilhantismo sua pesquisa de doutorado. A experiência anterior adquirida na Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Estrangeira Moderna - Francês, o Bacharelado em Biblioteconomia e a Especialização em Sistemas de Bibliotecas Públicas, pela Universidade Federal da Paraíba, e o Mestrado em Administração de Bibliotecas, pela Universidade Federal de Minas Gerais, foram de fundamental importância para a formação do seu capital intelectual.

Assim sendo, é uma grande honra apresentar esta entrevista e, ao mesmo tempo, participar desta homenagem a Francisca Arruda Ramalho, pelo que ela realizou e vai realizar em prol do desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil.

Brasília, 24 de julho de 2009.

Emir José Suaiden

2 ENTREVISTA

Mestra e amiga, brilhante e competente, admirada pelos seus pares, alunos, amigos, familiares... Esta é Francisca Arruda Ramalho. Não há como dissociar a sua humanidade do seu currículo.

Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação (DCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atua nos Cursos de Graduação em Biblioteconomia e em Arquivologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI). Tem larga experiência na área das Ciências da Informação, trabalhando como professora, pesquisadora e orientadora, principalmente nos seguintes temas: estudos de usuários e estudos de usabilidade, produção e comunicação científica, memória e literatura cinzenta, *copyright* e metodologias da pesquisa social e do trabalho científico.

Somando-se aos seus títulos honoríficos, distinções e prêmios recebidos, merecem destaque, ao lado das diversas vezes em que foi escolhida paraninfa e professora homenageada das turmas de formandos do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, o título de Bibliotecária Homenageada do ano de 2007 pela Associação de Bibliotecários da Paraíba e os últimos dois títulos, recebidos neste ano de 2009: um pela orientação da melhor dissertação em Ciência da Informação do país, 1º lugar no Prêmio da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), e o outro pela orientação do projeto de pesquisa, financiado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que recebeu a menção honrosa de Excelência Acadêmica pela UFPB.

Natural da cidade de Ibiara no estado da Paraíba, esta fascinante mulher completará 35 anos dedicados à Biblioteconomia e Ciência da Informação no estado da Paraíba no ano de 2010.

Dessa forma, muito da trajetória de Francisca nos faz lembrar sua orientadora de mestrado, a magnífica Professora Etelvina Lima.

Etelvina é, talvez, a mulher que mais contribuiu ao desenvolvimento do campo da Biblioteconomia no país antes mesmo de se falar em Ciência da Informação, e isto sem contar com seu respeito internacional conquistado.

Por sua importância, pelo que realizou e pelo que vai realizar em prol do desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil, como enfatiza o Professor Emir José Suaiden, e certamente ampliando com maestria os passos pelos quais a guiou Etelvina Lima, nós entrevistamos aqui a Professora Francisca para este número da *Informação & Sociedade: Estudos*.

Em especial, explorando esta cientista “contadora de histórias”, lembrada como “memória da UFPB” por seus pares do Departamento de Ciência da Informação, abordamos aqui a constituição e os caminhos percorridos pela Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba, desde as suas origens, passando pelo contexto presente, rumo aos cenários futuros.

Deixemo-nos guiar, dessa forma, por Francisca, como pela Musa Clio, a Proclamadora!

Origens

(Profa. Luciana Costa) **Professora Francisca, conte-nos, de início, como foi a realização da sua formação em Biblioteconomia na UFPB. Naquele momento, como estavam desenhados o currículo do curso e o perfil profissional do egresso?**

(Profa. Francisca Ramalho) Retornemos, então, ao ano de 1969. Surge o primeiro curso de Biblioteconomia na Paraíba. Nessa época, eu já realizava o curso de Letras, em Francês, no Instituto Central de Letras da UFPB, em um prédio que também abrigava o Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da UFPB, onde começou a funcionar o curso de Biblioteconomia. Confesso que foi uma conquista a primeira vista, algo que na época não sabia o que era, mas que me fascinava. Sempre dizia para mim mesma: quando concluir o curso de Letras, farei o de Biblioteconomia. Coincidentemente, quando conclui o curso de Letras, 1971, surgiu uma oportunidade ímpar: a Universidade abre inscrições para o ingresso de

alunos, pela primeira vez, abre inscrições para o ingresso de alunos graduados em outros cursos. Imediatamente, me inscrevi para o Curso de Graduação em Biblioteconomia e fui selecionada. A alegria foi, talvez, maior do que quando passei no vestibular. Muitos me perguntavam: para que um curso “desse”? E respondia: no momento o que sei é que quero fazer esse curso. As dificuldades eram imensas, pois precisava trabalhar. Como aluna do curso de Letras, lecionava Francês em colégios privados da capital. Precisava sobreviver. Formada fui contratada para lecionar no Colégio Estadual de Sapé, a 55km de João Pessoa, mas nada se constituía em obstáculo. Ministrava aulas à tarde e à noite e no outro dia pela manhã, como dizia uma das minhas professoras: “sempre a primeira a chegar e a sentar-se na primeira fila”. Tudo era motivo de grandes descobertas, tanto nas disciplinas obrigatórias quanto nas optativas. A paleografia era um desafio, a classificação um quebra-cabeça, a documentação uma fascinação e assim por diante. A minha integração no curso era total e o estágio supervisionado, na Faculdade de Ciências Econômicas, sob a orientação da Bibliotecária Neusa Morais Costa, foi o corolário de toda a minha formação desenhada por um currículo que priorizava as matérias de caráter técnico em detrimento das matérias de fundação geral, de cunho humanístico. Como não poderia deixar de ser, foi esse desenho curricular que contribuiu para a formação de bibliotecários com perfil extremamente técnico.

(Prof. Guilherme Dias) **E sobre o corpo docente, Professora Francisca: como estava estruturado o antigo Departamento de Biblioteconomia e Documentação? Quais as suas origens? Havia intercâmbio ou contribuição interdepartamental na UFPB em prol do curso de Biblioteconomia?**

(Profa. Francisca Ramalho) A trajetória do hoje chamado DCI foi complexa no sentido de uma fixação como Departamento. Primeiro funcionou no Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas, como já falei anteriormente, e posso dizer que éramos um pouco nômades. Não tínhamos um lugar fixo quanto às instalações. Posteriormente, o DBD vinculou-se ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, onde permanece até hoje, e dessa vez, digo naquela época, como uma Coordenação de Curso vinculada ao

Departamento de Administração e Contabilidade. Nesse período é que ingressei como professora, ano de 1977. No início, o curso criado contava apenas com quatro professoras da área, que davam tudo de si para o curso funcionar como deveria. Essas professoras eram responsáveis pelas disciplinas técnicas. Portanto, o intercâmbio ou contribuição de outros Departamentos da UFPB em relação ao curso de Biblioteconomia era efetivo, pois as disciplinas de fundação geral eram ministradas por professores de outros departamentos, como Comunicação, Filosofia, Geografia, História, entre outros. Em 1989, posso dizer assim, alcançamos nossa independência com a criação do DBD.

(Profa. Luciana Costa) **A partir desse grupo, como se deu o início da oferta do primeiro curso de pós-graduação na área de Biblioteconomia da UFPB em nível *lato sensu*?**

(Profa. Francisca Ramalho) Ainda como Coordenação de Curso, em 1977 já houve a oferta do primeiro curso *lato sensu*, o Curso de Especialização em Sistemas de Bibliotecas Públicas, do qual fui aluna da primeira turma. Esse foi um curso direcionado para professores e bibliotecários da UFPB, uma qualificação para os professores, coordenado por uma bibliotecária da SUDENE, Azenate Sena de Oliveira. Com a contratação de novos professores a nossa visão era avançar muito mais na qualidade de ensino da graduação e pós-graduação *lato sensu*. Atendida, na nossa concepção, aquela área de conhecimento do 1º curso, o DBD elabora um projeto de uma nova versão de curso *lato sensu*, Especialização em Estudo de Usuários, uma temática que já era uma preocupação para a formação do bibliotecário, ir além de organização e processamento da informação. Atingir, portanto, como afirmam Guinchat e Menou, o elemento fundamental de todos os Sistemas de Informação, o usuário. Recentemente, atendendo uma das demandas da área, o departamento ofertou um novo curso de especialização, em Gestão de Unidades de Informação. Esse já envolvendo os professores do próprio departamento ao contrário do primeiro que todos os professores pertenciam a outros Departamentos da UFPB e professores da UFPE. O segundo curso, em Estudo de Usuários, já foi uma mescla de professor do DBD e de outros professores da UFPB. Essas iniciativas

mostram que, apesar das dificuldades acerca de infra-estrutura para os cursos, a celular *mater* da Biblioteconomia paraibana tinha uma visão ilimitada do desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil, e procurava não entrar em descompasso com os cursos que avançavam no país. A partir de então começou a preocupação do DBD em formar sua massa crítica permanente para o mestrado e, assim, minimizar sua dependência de professores convidados, vinculados a outras instituições de ensino superior e professores visitantes.

(Prof. Guilherme Dias) **Agora a pós-graduação *stricto sensu*. Conte-nos sobre o início do Curso de Mestrado em Biblioteconomia, o CMB.**

(Profa. Francisca Ramalho) Agora estamos no ano de 1979. A universidade com um reitor com uma visão acadêmico-científica progressista. Com relação a pós-graduação, não poderia ser diferente. Nesse contexto, começa a funcionar o Curso de Mestrado em Biblioteconomia, o CMB, o primeiro do Nordeste, com área de concentração em Sistemas de Bibliotecas Públicas. O CMB teve como primeira coordenadora a professora Julia Van Dame do Departamento de Administração da UFPB. Da primeira turma participaram muitos professores do DBD e o primeiro mestre formado foi o professor Dr. Emir José Suaiden, atualmente Diretor do IBICT.

(Profa. Luciana Costa) **Quando houve a transição do CMB para Curso de Mestrado em Ciência da Informação, o CMCI? Quais os fatores decisivos para essa mudança?**

(Profa. Francisca Ramalho) Agora já estamos no ano de 1997. Falar da transição do Curso de Mestrado em Biblioteconomia para o Curso de Mestrado em Ciência da Informação é necessário uma breve retrospectiva. O CMB teve duas áreas de concentração: Sistema de Bibliotecas Públicas, entre os anos de 1978 e 1987, e Biblioteca e Sociedade, entre os anos de 1988 e 1996. O CMCI teve uma área, Informação e Sociedade, entre 1997 e 2004. Digo 2004 considerando o ano da última defesa de dissertação, pois as questões administrativas continuavam. Após avaliação da CAPES, avaliações e discussões internas, concluímos que o momento exigia do mestrado novas características, objetivos, diversas temáticas que atendessem às demandas da sociedade Assim,

centrando seus objetivos não só na formação de docentes e pesquisadores de ensino superior em CI, mas também na formação de profissionais dentro de uma ótica multidisciplinar visando uma política de atuação e desenvolvimento voltada para a realidade brasileira, era uma busca de contribuir com os interesses do país. A idéia era não ficarmos encapsulados, mas partícipes dos avanços da CI, dando, assim, uma nova dinâmica, ou seja, modernizando o curso de pós-graduação sob nossa responsabilidade. O artigo da professora Terezinha Elizabeth da Silva, intitulado “30 anos da Pós-Graduação em Ciência da informação da Universidade Federal da Paraíba”, publicado na Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da informação, 2009, responde muito bem a essa pergunta.

(Prof. Guilherme Dias) **Falando em publicação na área da Ciência da Informação, eu gostaria de acrescentar algo a respeito para a senhora comentar: a publicação da Revista Informação & Sociedade: Estudos. Qual a importância deste periódico para curso de mestrado? Que importância teve a publicação em seu formato eletrônico?**

(Profa. Francisca Ramalho) Como qualquer periódico científico, a publicação do primeiro número de Informação & Sociedade: Estudos, em 1991, foi um marco para a comunidade acadêmica que o cria, no caso, o Curso de Mestrado em Biblioteconomia. Também diria que foi uma iniciativa louvável e corajosa dos que faziam o CMB, liderada pela coordenadora do CMB, na época, professora Rachel Joffily Abath, que não media esforços em seus intentos. Deduzimos, do que afirmou o seu Conselho Editorial na época, que o referido periódico já surgiu rumando para sua consolidação. Informação & Sociedade: Estudos completou, em 2009, 18 anos de existência e, atualmente, é classificado como B2 no *Qualis* CAPES de periódicos científicos. Sua importância para o mestrado, CMB, CMCI e PPGCI, foi e continua sendo significativa, uma vez que sua linha editorial esteve sempre em consonância com a evolução da área em que se insere e com a produção científica gerada a partir das reflexões, pesquisas sobre a informação na sociedade, portanto, sempre fiel ao seu título. O formato eletrônico da publicação Informação & Sociedade: Estudos trouxe uma grande

visibilidade para esse periódico, facilitou o acesso ao seu conteúdo e o colocou para o Brasil e para o mundo. É importante ressaltar que, apesar de algumas dificuldades, publicar um periódico não é tão fácil assim, Informação & Sociedade: Estudos se mantém, concomitantemente, em dois formatos, impresso e eletrônico.

(Profa. Luciana Costa) **Sabendo, professora, de tanto esforço para empreitar, empreender o mestrado, ampliar a sua qualidade, como percebemos no próprio esforço da publicação da Informação & Sociedade: Estudos, me veio uma pergunta difícil. O que representou para senhora a interrupção do CMCI? Quais as suas causas e como esta situação foi enfrentada?**

(Profa. Francisca Ramalho) Essa pergunta se constitui, para mim, em muitas interrogações sem respostas. Momentos mais críticos, nós já havíamos passado. O Departamento estava investindo na qualificação de doutores para minimizar a dependência de professores de outros departamentos. Esse era um ponto nevrálgico. As causas? Prefiro dizer que se constituiu na morte de muitos sonhos, tanto da parte do corpo docente quanto discente. Nessa situação crítica, mesmo sem gostar da parte administrativa, assumi a coordenação de um curso de mestrado descredenciado, mas que precisava, ainda, fechar as suas portas, ou seja, organização da documentação, expedição de diplomas e umas poucas defesas de dissertação. Ao término da última defesa, em 2004, continuei defendendo a idéia de que os espaços do CMCI deveriam continuar preservados. Mas não faltou quem quisesse ocupá-los. Sentia que algo renasceria das cinzas, sem saber como nem quando. Sentia um desejo imenso de reerguê-lo, era como se eu tivesse uma grande dívida para com a UFPB e isso me incomodava bastante ao passo em que pensava: perdemos uma batalha, mas não perdemos a guerra. Arregaçamos as mangas, os colegas e eu, e o Departamento começou com novas investidas, principalmente, na qualificação e contratação de doutores, visando um futuro promissor.

Contexto presente

(Prof. Guilherme Dias) **Justamente, Professora Francisca. O grupo acabou por reerguer a sua pós-graduação. Hoje contamos com uma qualificada e atuante massa de**

doutores participantes do PPGCI. Como algo representativo nesse entremeio histórico, podemos considerar a alteração do nosso departamento para Departamento de Ciência da Informação, enquanto nova proposta, com uma nova configuração, promovendo a entrada de professores de novas áreas. A senhora concorda?

(Profa. Francisca Ramalho) Em 2006, com o apoio do Pró-Reitor de Pós-Graduação, elaboramos, sob a coordenação da professora Joana Coeli Ribeiro Garcia, o projeto do PPGCI que, aprovado, começou a funcionar em 2007, oferecendo o Curso de Mestrado. Foi uma tarefa árdua, mas gratificante. Parece que o momento era de pensarmos grande e nesse momento pensamos em nova mudança e com novos objetivos. Sabíamos que uma mudança de nome não significa qualidade do que está por vir, mas a nossa concepção, neste sentido, era incisiva: uma nova proposta de Departamento que, além de abrigar outros cursos de graduação, como o de Arquivologia, que já funciona desde 2008, também se configurasse como um Departamento com um corpo docente que integrasse professores de outras áreas. Ainda é pouco o tempo para uma avaliação dessa nova investida. O que posso dizer é que, atualmente, o Departamento como DCI é outro. Até me arrisco a dizer que passamos de um tradicionalismo, em outras palavras saímos do nosso casulo para compartilharmos muitos saberes e somos, também, muito mais ativos no campo do ensino, da pesquisa e da extensão.

(Profa. Luciana Costa) **Creio que essa mudança toda culminou também no esforço da oferta do Curso de Especialização em Gestão de Unidades de Informação, pensando um programa de pós-graduação com oferta lato e stricto sensu integrada em Ciência da Informação. Pergunto à senhora se, diante da proposta deste curso, houve uma nova visibilidade para a área na Paraíba?**

(Profa. Francisca Ramalho) De um modo geral, os cursos de especialização objetivam capacitar um público alvo para o desempenho de suas atividades profissionais. Por isso proporcionam conhecimentos teóricos e práticos. Assim sendo, qualquer forma de especialização é importante para o desempenho profissional de cada indivíduo. No caso do

curso citado, a capacitação do profissional da informação, entendidos como bibliotecários, arquivistas, é extremamente necessária, em face, entre outras questões, às inovações da tecnologia da informação e das mudanças decorrentes dessa tecnologia. Daí a importância do primeiro Curso de Especialização em Gestão de Unidades de Informação, primeiro na área de gestão, coordenado pela especialista no assunto, a professora Emeide Nóbrega Duarte, e realizado entre os anos de 2005 e 2006. O Curso de Especialização em Gestão de Unidades de Informação foi uma oportunidade para nos reciclarmos, alunos e professores, no que se refere às teorias e práticas relacionadas ao assunto. Foi um esforço conjunto rumo ao compartilhamento de conhecimento que, sem dúvida, geraram novos conhecimentos relacionados à gestão de unidades de informação. Sem dúvida que o curso trouxe uma nova visibilidade para a área na Paraíba, dele participaram profissionais, em sua maioria, bibliotecários de instituições públicas e privadas, oriundos da Paraíba e de Pernambuco. O curso gerou uma série de monografias envolvendo unidades de informação formais e informais, públicas e privadas, como: arquivo, biblioteca, livreria, sebo cultural, entre outras. A diversidade de temas abordados, os tipos de pesquisa e as metodologias utilizadas nas monografias por si só já se constitui em indicadores representativos da qualidade e das práticas vivenciadas durante o curso. Tal afirmação pode ser ratificada, através da coletânea intitulada "Gestão de Unidades de Informação: teoria e prática", organizada pelas professoras Emeide Nóbrega Duarte e Alzira Carla Araújo da Silva, publicada em 2007, gerada a partir de monografias aprovadas, como requisito para conclusão do curso. O curso despertou até mesmo interesse de outras pessoas. Outro dia estava conversando com o nosso Chefe de Departamento, Professor Gustavo Henrique de Araújo Freire, quando entrou uma pessoa na sala que queria falar com ele. Quando Gustavo me apresentou como a professora Francisca, ele disse: eu já a conheço. Fiquei surpresa, porque para mim ele era desconhecido, e, portanto, perguntei-lhe: desculpe, mas de onde você me conhece? Ele respondeu: de uma monografia que a senhora orientou sobre sebos culturais. Esse foi um dos temas de monografias do curso que estamos falando. Essa monografia é de autoria de Ana Luisa Cândido Barbosa.

(Prof. Guilherme Dias) **Reabra, então, o curso de Mestrado em Ciência da Informação vinculado ao PPGCI. Sabendo que a senhora participou ativamente do projeto desse novo curso, o que se propunha enquanto "algo de novo sob o sol"?**

(Profa. Francisca Ramalho) Será que posso contrapor a essência da pergunta com a afirmação "nada de novo existe debaixo do sol" ou "tudo muda", "nada muda". Sabemos que o que fazemos de novo se origina da nossa experiência, da nossa forma de ver, pensar e compreender as coisas. É essa consciência que nos leva a descobrir as coisas novas, modernas, em outras palavras: que atinge novos e novos paradigmas. Nada se origina do nada, muito menos por acaso. Naquele momento de elaboração do projeto do Curso de Mestrado o que tínhamos em mente era que pudéssemos oferecer aos nossos alunos uma versão melhorada dos cursos que havíamos oferecido no passado, e também curso a mais, no caso um curso de Doutorado, em um futuro próximo, quem sabe? Tudo isso com base nos atuais desafios da CI, no contexto social em que vivemos.

(Profa. Luciana Costa) **Citando desafios, falemos dos produtos do PPGCI. Como anda a pesquisa e o intercâmbio de conhecimento?**

(Profa. Francisca Ramalho) Creio que estamos caminhando em uma linha de frente muito avançada. O grupo de docentes está coeso e isso facilita o desenvolvimento de novas ações no campo do ensino, da pesquisa, enfim, do intercâmbio de conhecimentos. Nesse sentido firmamos um convênio com a Universidade do Porto/Portugal, do qual faço parte. Essa parceria tem permitido o intercâmbio de professores, a realização de pesquisas, já com alguns resultados publicados. Atualmente, um de nossos professores já se encontra em pós-doutoramento naquela Universidade. Outra parceria significativa é com a UFPE, com professor participando da docência e de orientação de mestrandos. Nesse sentido, também, contamos com professores da UFC e da UFPI. Tivemos projetos aprovados pelo CNPq e pelo Programa *Fulbright*, já desenvolvidos. A participação de professores em eventos nacionais e estrangeiros, com apresentação de comunicações, tem sido significativa. Os grupos de pesquisa em

pleno desenvolvimento produzindo segundo seus objetivos. Recentemente, foram aprovados pelo CNPq, três projetos. Dessa forma, há um número significativo de projetos PIBIC/CNPq/UFPB, que tem proporcionado a integração da pós-graduação com a graduação em Biblioteconomia e Arquivologia. Uma última ação, em relação ao intercâmbio de conhecimentos, foi a proposição à CAPES de um projeto intitulado "Rede de Cooperação e Aprendizagem na Ciência da Informação". Isto através da iniciativa do PPGCI da UFPB juntamente com o PPGCI da UNESP/Marília, atendendo ao edital do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - Ação Novas Fronteiras, com a finalidade de realizar atividades conjuntas de pesquisas, de aprendizagem e de formação, com vistas a promover a consolidação dos cursos envolvidos. Esperamos que seja aprovado.

(Prof. Guilherme Dias) **Não podemos deixar de lembrar o projeto do curso de Doutorado Interinstitucional, o DINTER em Ciência da Informação entre a UFMG, a UFPB e a UFPE. Por favor, a senhora poderia comentá-lo?**

(Profa. Francisca Ramalho) O Projeto de Doutorado Interinstitucional foi uma oportunidade a mais que vimos para o avanço da qualificação de nossos mestres. Reunimo-nos com o Pró-Reitor de Pós-Graduação da época para discutirmos nossas idéias e, a partir dessa reunião, seguiu-se uma série de discussões e contatos para definirmos as IES participantes. O resultado foi a definição pela UFMG como instituição promotora; a UFPE como instituição associada; e, como não poderia deixar de ser, a UFPB como instituição receptora. O projeto do DINTER foi aprovado pela CAPES e o curso teve início em 2008. Atualmente, temos quatro professores do DCI/UFPB e um da UFPE em fase de qualificação dos seus projetos de tese. Não resta dúvida de que essa parceria ou cooperação interinstitucional que estamos realizando trará contribuições para o desenvolvimento do ensino de graduação e da pós, para a pesquisa e, enfim, para todas as ações informativas que agreguem valor às atividades acadêmicas. A viabilização dos programas de pós-graduação depende de um grupo de Doutores qualificados e produtivos.

Assim considerando, o DINTER/CI/UFPB trará contribuições significativas para o PPGCI da UFPB. Acreditamos que, num futuro próximo, com o credenciamento dos professores que estão realizando o DINTER, haverá um fortalecimento de produtos no âmbito do PPGCI.

(Profa. Luciana Costa) **Como um pressuposto da missão do PPGCI temos o compartilhamento, a troca de saberes entre a pós-graduação e a graduação, como a senhora mesma faz referência. Desse modo, o que representou a criação do Curso de Graduação em Arquivologia vinculado ao Departamento de Ciência da Informação? Qual o papel do PPGCI nesse processo?**

(Profa. Francisca Ramalho) A criação do Curso de Graduação em Arquivologia sempre foi um dos nossos sonhos, desde que o Departamento se chamava Biblioteconomia e Documentação. Não foi um curso planejado do dia para a noite. No curso de Graduação em Biblioteconomia já ofertávamos a disciplina Arquivologia/Técnica de Arquivo, para qual, por indicação da Professora Carmen Farias Panet, fui contratada, em 1977, para lecioná-la. Por que então o Departamento não ofereceria os dois cursos? Assim, no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPB, incluímos nas questões relacionadas ao nosso departamento, a criação do Curso de Arquivologia, que começou em 2008. Nesse sentido, houve realmente, e continua havendo, o compartilhamento, a troca de saberes entre a pós-graduação e a graduação, como já acontece com o Curso de Graduação em Biblioteconomia. Como você sabe Luciana, agora já estamos pensando, em darmos um novo passo. As idéias sobre um curso de Museologia começam a florescer. Assim, quem sabe se no futuro próximo teremos um DCI que ofereça três cursos de graduação: Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Somos da opinião que será frutífero.

(Prof. Guilherme Dias) **Também enquanto atuação do PPGCI, quero ressaltar a conquista da representação paraibana na ANCIB. A senhora pode comentar sobre a importância de se ter na presidência da associação a da Professora Joana Coeli Ribeiro Garcia?**

(Profa. Francisca Ramalho) Com muito prazer a professora Joana Coeli tem todas as competências para assumir a presidência de uma associação do porte da ANCIB. Além do mais, soube se articular muito bem na composição de uma chapa que congregou profissionais qualificados e comprometidos com as atividades que assumem, portanto, não há dúvida de que para o PPGCI este foi um salto de qualidade, pois acredito que a atual gestão da ANCIB é profícua e dará maior visibilidade ao PPGCI da UFPB.

(Profa. Luciana Costa) **Aproveitando, gostaria de perguntar o que representou a realização do X ENANCIB neste ano de 2009 para o PPGCI?**

(Profa. Francisca Ramalho) No processo de comunicação científica, os eventos científicos assumem um papel fundamental por proporcionar um intercâmbio de novas idéias, debates e reflexões entre seus participantes, interessados em compartilhar e/ou obter conhecimentos sobre sua área de interesse. A realização do X ENANCIB neste ano de 2009, sob o tema "Responsabilidade Social da Ciência da Informação", tema cujos conteúdos já vêm sendo o desafio do presente, representou para o PPGCI, um desafio, isto porque não tínhamos experiência na realização de eventos desse porte. Com essa consciência é que enfrentamos os desafios que se apresentaram. Todos nós, professores do DCI/PPGCI, e até mesmo os alunos de graduação e pós-graduação, não medimos esforços para realizar as tarefas confiadas a cada um de nós, tudo sob a coordenação geral da professora Isa Maria Freire. Sem nenhum prurido, diria que foi gratificante entendermos, no final de tudo, que, pese as dificuldades, fomos capazes. O X ENANCIB conseguiu congrega 512 inscritos, professores, pesquisadores, bibliotecários, estudantes, entre outros participantes de vários estados do país. Sintetizando, diria que o X ENANCIB representou para o PPGCI um salto de qualidade das suas atividades, ao tempo que deu ao referido programa maior visibilidade sobre suas potencialidades. Não poderia deixar de enfatizar que outro fato significativo para o PPGCI foi a sua conquista, professora Luciana, do 1º lugar do Prêmio

ANCIB 2009, na categoria dissertação. E mais uma vez parabéns.

Cenários futuros

(Prof. Guilherme Dias) **Agora, Professora Francisca, tratando de potencialidades, como comentou, vamos falar de cenários futuros. Penso que a senhora poderia nos contar sobre as novas ações e expectativas do PPGCI a partir do ano de 2010.**

(Profa. Francisca Ramalho) Entendemos que qualquer cenário que se apresente para um determinado campo necessita ser analisado para poder ser compreendido. No caso da pós-graduação, Guilherme, não poderia ser diferente. Nesse caso é difícil falar de cenários futuros. Acreditamos que em 2010 daremos continuidade as nossas atividades de ensino, orientação e pesquisa no PPGCI, com todo empenho, como fizemos nos três últimos anos. Por outro lado, esperamos que o que hoje almejamos e idealizamos para um futuro próximo se transforme em realidade. Hoje o momento é ímpar com o investimento que o MEC está fazendo nas universidades, o REUNI, por exemplo, e já estamos quase em 2010. Esperamos que as novas ações em relação ao PPGCI sejam promissoras. O que desejamos é que nossas expectativas se tornem realidade e as novas ações sejam concretizadas. Nesse contexto, inserimos o aumento significativo da nossa produção científica; maior intercâmbio de conhecimentos com outros cursos de pós-graduação da área; a participação de professores visitantes no PPGCI; uma avaliação positiva da CAPES, com conceito 4 para o mestrado, para darmos andamento ao Curso de Doutorado em CI na UFPB; o desenvolvimento do PROCAD/CAPES - Ação Novas Fronteiras, projeto que me referi anteriormente; ações relacionadas à oferta de uma nova edição do Curso de Especialização em Unidades de Informação na modalidade EAD; bem como em relação a um Curso de Mestrado Profissionalizante, o que já vem sendo discutido por um grupo de professores. Isto, para falarmos de algumas das futuras ações e expectativas.

(Profa. Luciana Costa) **Permita-me a ansiedade, professora. Então poderíamos prever a abertura de um processo seletivo para**

**doutorado ainda em 2010 para ingresso em 2011?
Seria uma previsão razoável?**

(Profa. Francisca Ramalho) Sempre advogamos que temos que ser cautelosos em nossos intentos. A criação de um Curso de Doutorado vinculado ao PPGCI da UFPB, na minha concepção, ainda depende de muitos fatores: a avaliação da CAPES, um projeto bem fundamentado, sua aprovação, seleção, entre outras questões. 2010 já é, praticamente, amanhã, portanto o tempo corre contra nós, nesse sentido. A experiência com a elaboração do projeto de mestrado é recente, demandou muitas ações e foi um aprendizado que exigiu muito de nós. Assim considerando, não me arrisco a fazer previsões favoráveis à abertura de um processo seletivo para o doutorado em 2010, é muito prematuro. Com isso não quero dizer que sou contra a abertura de um doutorado. Ao contrário. Prefiro dizer que uma avaliação positiva da CAPES para o mestrado, com o conceito 4, será nosso ponto de partida.

(Prof. Guilherme Dias) **Por fim, Professora Francisca, como a senhora avalia o cenário atual brasileiro da área e o futuro da Ciência da Informação no país?**

(Profa. Francisca Ramalho) Talvez o que vou dizer não se constitua numa avaliação na acepção própria do termo. O atual cenário brasileiro da área está favorável às mudanças. E isto é muito importante para uma ciência em desenvolvimento. As TIC's impulsionando mudanças na comunicação da informação, o movimento do livre acesso ao conhecimento, as redes sociais, etc., etc., são questões reflexivas, conflituosas, das quais devemos tirar o melhor proveito em prol do avanço da CI no nosso país. Por outro lado, os usuários de hoje já não aceitam sentar-se à mesa móvel idealizada por Paul Otlet, que movida por uma série de roldanas, facilitaria o acesso à informação pelos usuários. Com isto queremos afirmar que devemos nos preocupar com a disseminação da informação e seu uso. Os usuários da informação não aceitam mais conviver com as regras tradicionais, com os processos idealizados para os acervos convencionais etc., etc. Não podemos e não devemos esquecer que

é ao usuário a quem se destina a informação. Ignorar, portanto, as suas exigências, as suas necessidades, o papel que ele deve desempenhar no mundo informacional atual, como receptor da informação, nos conduzirá a um passo para trás. Sobre a segunda parte da pergunta "o futuro da CI no país" começaria dizendo que muito já se falou e discutiu sobre "o fim da Ciência", "caos da nova ciência", "os limites do conhecimento científico" etc., etc., temas polêmicos, portanto reflexivos. Hoje estamos falando do futuro da CI no nosso país. Em síntese diria: creio que seja promissor. Nesse sentido, a ANCIB deverá desempenhar um papel fundamental no que se refere ao acompanhamento das atividades de pesquisa, no país, sem perder de vista as especializações de seus Grupos de Trabalho. É necessário termos claro: o que pretendemos? Para onde caminhamos? Como responderemos aos desafios que se apresentam? Se todos nós que atuamos no campo da CI entendermos o nosso papel nesse contexto, a busca de um futuro promissor para a CI será menos árdua. É necessário que não sejamos resistentes às mudanças, mas que demos um passo à frente na luta para torná-las concretas. Se quisermos avançar não podemos fugir dos desafios do milênio. E a responsabilidade social da CI, a promoção do conhecimento, etc., etc., aí se incluem. Por outro lado é oportuno lembrar que *a medida que aumenta la isla de nuestros conocimientos aumenta, también, el litoral de nuestra ignorancia*, como afirma Miguel Martínez Miguélez. É preciso estarmos atentos. Aldo Barreto é incisivo quando afirma: "o penúltimo trem já partiu e não embarcamos" e que "para estar no último trem será necessário radical modificação de horizontes". Acredito que o futuro promete mudanças significativas para o campo da CI brasileira. Quem viver verá! Mas eu gostaria, ainda, de registrar uma informação importante. Que neste ano de 2009 nós comemoramos, por ocasião do X ENANCIB, os "40 Anos da Biblioteconomia Paraibana", onde foram homenageadas as quatro bravas professoras, fundadoras do Curso de Graduação em Biblioteconomia, portanto, pioneiras da Biblioteconomia no Estado, e das quais tive o privilégio de ser aluna. Finalmente, se for o caso, desculpem-me pelas ausências, e/ou equívocos, pois nada é perfeito.